

Convergência e Narrativa Transmídia no Jornalismo na Amazônia Brasileira: manifestações no G1 Amapá¹

Elaide Martins²
Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo visa identificar características da narrativa transmídia e do jornalismo convergente no G1 Amapá. Para Jenkins (2009), o termo convergência relaciona-se ao modo como as mídias circulam em nossa cultura e inclui o fluxo de conteúdos através de multiplataformas e a cooperação entre as indústrias midiáticas, sendo assimilado a partir da relação interconectada que as pessoas passam a ter com as novas mídias. Portanto, é compreendido como um processo cultural. Diante desses novos cenários, como a convergência se manifesta na produção jornalística do G1 Amapá? Seu conteúdo apropria-se de tais características? Há cooperação entre as mídias e colaboração do público? Através de pesquisa exploratória, realizamos este estudo de caso, um trabalho que leva às primeiras impressões de nosso projeto de pesquisa - e que já conduz à percepção de significativas inquietações à área jornalística

Palavras-chave: Convergência; narrativa transmídia; jornalismo; G1Amapá.

Introdução

Os diversos sentidos de convergência provocam desafios importantes ao campo jornalístico, sejam de natureza técnica, ética, de formação e/ou produtiva. Esses desafios vão além da produção de conteúdo para multiplataformas e da hibridização de linguagens de diferentes suportes midiáticos. Pode-se dizer que estão, sobretudo, nas relações dos jornalistas com o público, com os colegas, com as empresas e consigo mesmo, como também estão em sua formação técnica, que precisa estar acompanhando e se adaptando aos novos tempos. Esses desafios estão, ainda, nos valores éticos dos profissionais, na estrutura das empresas que sofrem a pressão de concorrências cada vez mais acirradas e nas formas de distribuição de conteúdo e de gestão de pessoas. São desafios provocados pelos processos de convergência que, cada vez mais e contraditoriamente, trazem à tona situações de divergências nos processos sócio-comunicacionais, ajudando a compor, de certa forma, um contexto de ‘guerra e paz’ no campo da comunicação.

¹ Trabalho apresentado ao GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). Tecnóloga pela. E-mail: elaidemartins@gmail.br

Assim, observa-se que, além de desafios, a convergência traz novas “possibilidades para a produção de conteúdos jornalísticos, para a formação do profissional da área e para os veículos de comunicação, sejam eles iniciativas independentes ou vinculados a grandes conglomerados de mídia” (LONGHI; D’ANDRÉA, 2012, p.9). Para estes autores, cada vez mais, a convergência transporta-se para a esfera noticiosa através de uma série de interesses específicos – o que teria levado “a definir o jornalismo da atualidade como jornalismo convergente”.

Para compreendermos como o jornalismo convergente e seus efeitos vêm afetando os processos produtivos jornalísticos e refletir sobre desafios e dilemas que se descortinam com a adoção de novas práticas e narrativas impulsionadas, sobretudo, pelas novas tecnologias de comunicação, partimos do estudo de determinados veículos que circulam em esferas nacional e local e em plataformas distintas. O objetivo principal é perceber as manifestações da narrativa transmídia (um dos resultados dos processos de convergência no campo da comunicação) na produção jornalística.

Através do projeto “Apropriações da narrativa transmídia: novas relações, formatos e processos produtivos jornalísticos”, aprovado pelo Programa de Apoio aos Novos Docentes (PAND/UNIFAP), desenvolvido no seio do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Política e vinculado ao colegiado de Jornalismo da UNIFAP, elencamos enquanto objetos de análise: um jornal impresso de porte nacional (Folha de São Paulo), três programas jornalísticos televisivos (TV Folha, Jornal da Record News e Jornal do Amapá, sendo este último de produção local) e três portais noticiosos (G1 Amapá, R7 e Folha). Entendemos que esse conjunto de produtos nos dará uma rica, significativa e consistente amostra para analisar, refletir e produzir informações sobre as apropriações da narrativa transmídia no campo do jornalismo e sobre a hibridização de linguagens jornalísticas em multiplataformas a partir da cultura da convergência.

Neste artigo, vamos nos deter às primeiras impressões de nossa pesquisa recém-iniciada, cujo trabalho de campo começou pelo portal G1 Amapá, onde procuramos identificar a existência ou não dos princípios da narrativa transmídia nos seus processos produtivos e na rotina de seus profissionais. Portanto, um esforço de caráter exploratório e declaradamente preliminar.

Adotando metodologia qualitativa, realizamos uma pesquisa exploratória-empírica, cujos procedimentos metodológicos incluem pesquisa bibliográfica, realização de entrevistas e análise do portal em si. Para efeito de fundamentação teórica, amparamo-nos

na teoria da cultura da convergência (JENKINS, 2009), a fim de discutir e refletir sobre as apropriações da narrativa transmídia nos processos produtivos do campo jornalístico no contexto da contemporaneidade.

A convergência jornalística no G1 AP: manifestações da narrativa transmídia

A narrativa transmídia (NT) é um termo adotado por Jenkins (2009) em sua teoria da cultura da convergência, cujo enfoque é analisar os efeitos da convergência na cultura popular a fim de ajudar a compreender como a convergência vem impactando as mídias que as pessoas consomem. Em suas pesquisas, Jenkins tem por objetivo verificar “algumas das formas pelas quais o pensamento convergente está remodelando a cultura popular americana e, em particular, como está impactando a relação entre públicos, produtores e conteúdos de mídia” (JENKINS, 2009, p. 39). Portanto, para ele, a convergência deve ser assimilada a partir da relação interconectada que as pessoas passam a ter com as novas mídias, sendo compreendida como um processo cultural.

Os conceitos-chave da narrativa transmídia sistematizados por Jenkins (2009a)³ são: Espalhamento x Capacidade de Perfuração; Senso de Continuidade x Multiplicidade; Imersão x Capacidade de Extração; Construção do Universo; Serialidade; Subjetividade e Performance. Para Souza (2011), tais princípios são considerados, ao mesmo tempo, proposições teóricas e evidências de como as diferentes franquias transmídia contam histórias com o uso de distintas plataformas. Além disso, acrescenta, revelam a participação ativa do público em diversas etapas do processo, como criação, circulação, busca e compartilhamento de informações.

Para Alzamora e Tácia (2012), convergência e narrativa transmídia são termos presentes na agenda de reformulações de modelos de negócios na área jornalística e foco de estudos nos últimos anos, sendo referentes a novos modos de produção e consumo da informação jornalística. Jenkins (2009), por sua vez, ao falar de convergência, refere-se “ao fluxo de conteúdos de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 29), indicando que o usuário é quem determina como e quando consumir os conteúdos de mídia. Para este autor, no universo da convergência midiática, todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia, uma vez que a

³ Para mais informações sobre esses conceitos, ver: JENKINS (2009); SOUZA (2011) e MARTINS (2012), cujos dados estão nas referências bibliográficas deste trabalho.

circulação de conteúdo por diferentes sistemas depende da participação ativa dos consumidores.

No Amapá, os efeitos e implicações do termo convergência já estão inquietando algumas redações jornalísticas, cujos produtos, a exemplo nacional e mundial, oferecem canais específicos para receber a colaboração dos usuários. No caso do portal G1Amapá, objeto de estudo desta pesquisa, são cerca de vinte mil acessos diários, segundo sua coordenadora, a jornalista Lorena Kubota⁴ (2014). Criado em 7 de junho de 2013 e um dos ‘braços’ do ‘G1 – o portal de notícias da Globo’, o portal amapaense oferece o espaço VC no G1, uma ferramenta que visa estimular a produção colaborativa e a fidelização do usuário.

O portal G1 pertence às Organizações Globo, é um veículo de notícias exclusivamente on-line, sem versão em papel, fundado em setembro de 2006. Sua redação fica em São Paulo, mantendo sucursais no Rio de Janeiro e em Brasília. É produzido nacionalmente, com ‘braços’ no Distrito Federal e em todos os estados brasileiros, sendo que em Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo há um desdobramento de seus respectivos portais para a esfera regional. Dessa forma, o portal G1 é constituído por 21 portais estaduais e 34 portais regionais.

Atualmente, o G1 é composto pelas seguintes editorias: Página Principal, Blogs e Colunas, Brasil, Carros, Ciência e Saúde, Concursos e Emprego, Economia, Educação, Eleições 2014, Especiais, Esporte, Loterias, Mundo, Música, Natureza, Planeta Bizarro, Política, Pop & Arte, Tecnologia e Games, Turismo e Viagem. Sua relação com o jornalismo da TV Globo e da Globo News é estreita, uma vez que o portal utiliza o conteúdo gerado pelas emissoras, inclusive vídeos. As equipes do G1 Amapá compartilham o acesso a um mesmo servidor que reúne diversos tipos de informação, como reportagens, agenda de contatos, espelhos e pautas de telejornais da emissora.

No Amapá, esse compartilhamento tem sido aliado à tentativa de cultivar a cultura da colaboração entre as equipes. Segundo a coordenadora do G1 Amapá, Lorena Kubota (2014), a equipe do portal amapaense adota o conceito de redação única e tenta reforçá-lo diariamente, disseminando a ideia de que se trabalha para um grupo e não apenas para um veículo. “Se eu tenho um material que pode servir para a televisão, por que não compartilhá-lo com a emissora de TV?”, questiona Kubota referindo-se à TV Amapá, afiliada da Rede Globo no estado.

⁴ Em entrevista à autora, em 12 de fevereiro de 2014.

E o conceito de redação única, em que consiste? Para Kubota (2014), o conceito de redação única trabalhado no G1Amapá não se refere à unificação de estrutura física e nem à distribuição de pautas: “mas posso pedir aos colegas material que não tenhamos feito ou mesmo oferecer a eles algo que só nós fizemos”, explica a jornalista, referindo-se aos colegas da TV Amapá.

Nos cursos universitários e em redações de jornalismo, o assunto relacionado à integração das redações e, conseqüentemente, ao trabalho e produtos integrados, vem sendo pautado em muitos debates e reflexões no Brasil. Nessas discussões, busca-se compreender a(s) dinâmica(s) integradoras e estabelecer modelos que possam gerar produtos compartilhados ou processos produtivos que tenham em vista a integração.

O grupo paulista Folha, por exemplo, unificou as redações do jornal Folha de São Paulo e da Folha Online, eliminando as fronteiras físico-geográfica e promovendo a fusão das redações em 2012. “Esse foi o primeiro passo. Em 2010, outros passos menores foram sendo dados ao longo dos meses e um segundo mais importante foi a implantação do *Paywall*⁵. Com essa mudança, eliminamos de vez a diferença entre plataforma impressa e plataforma digital” (D’AVILA apud ZANVETTOR, 2012, p. 28).

Para Salaverría e Negredo (2008), as redações integradas seriam a junção de duas ou mais unidades redacionais, principalmente online e impressas. Eles explicam que, a fim de obter-se o controle de fluxo, as decisões editoriais direcionam-se para o mesmo núcleo redacional através da infraestrutura tecnológica, como equipamentos e sistemas gerenciadores de conteúdo. Assim, os modelos de redação integrada se apresentam de forma distinta dependendo da cultura do país, da história da empresa e da cultura jornalística. No entanto, como eles mesmo ressaltam, as características da convergência residem no impacto do modo de produção e na mudança do comportamento profissional ao ver alterada a lógica de trabalho monoplataforma para multiplataformas.

Além disso, os autores descrevem duas formas de convergência: convergência pela escala midiática (convergência a dois – impresso e online; convergência a três – impresso, online e TV; convergência a quatro – impresso, online, TV e rádio) e convergência pela escala geográfica (convergência em

⁵ Através do modelo *Paywall*, usado para a distribuição do conteúdo online, parte da informação produzida é fechada a assinantes.

meios de comunicação nacionais; convergência em meios de comunicação locais e regionais).

No caso do G1 Amapá, pode-se dizer que existe convergência em escala geográfica, pois há integração de portais de níveis nacional e local. Percebe-se, ainda, uma convergência de conteúdo, uma vez que tem sido, segundo Kubota (2014), cada vez mais frequente o compartilhamento de conteúdo entre portal e emissora de televisão amapaenses vinculados às Organizações Globo.

Além disso, arriscamos dizer que nesse portal há, mesmo que timidamente, manifestações da convergência sob a perspectiva dos processos produtivos – a exemplo do naufrágio ocorrido na procissão fluvial do Círio de Nazaré, em 10 de outubro de 2013, cujas imagens foram reproduzidas da TV Amapá. Kubota (2014) ressalta, ainda, a orientação dada à equipe do portal em produzir material também para a TV Amapá. Pela experiência que vem desenvolvendo no portal, a jornalista acredita que não seja difícil avançar nessa filosofia de trabalho compartilhado, especialmente porque a equipe do portal é jovem e está aberta a novas ideias e rotinas de processos produtivos.

A equipe do G1 Amapá é formada por doze jornalistas. Segundo os repórteres Santiago, Barriga e Martins⁶ (2014), diariamente, cada integrante da equipe faz apuração, redação e fotografias para a sua matéria, que costuma ser assinada. Já os vídeos postados no portal, em sua grande maioria, são produzidos pela TV Amapá, cujos principais programas jornalísticos têm link na página principal do G1 Amapá. Ao clicar nos links dos programas Bom Dia Amazônia, Amapá TV e Jornal do Amapá, exibidos na emissora, respectivamente, pela manhã, tarde e noite, o internauta encontra os principais vídeos do dia (ou o programa na íntegra se ele for assinante). Em caso de edições anteriores, os vídeos podem ser localizados nas seguintes seções: Calendário, Os mais vistos e Palavras-chaves. O portal utiliza, também, vídeos e fotos enviados pelos usuários através do canal VC no G1.

Como os vídeos são exibidos fora das matérias produzidas pela equipe do G1 Amapá, a formatação dos textos do portal remete-nos à clássica formatação do impresso, com texto, fotos, legendas e créditos - um formato que tende a ser

⁶ Informação prestada pelos repórteres Abinoan Santiago, Dyepeson Martins e John Clay Barriga à autora em 24 de março de 2014.

superado diante das narrativas verticalizadas⁷ que já são adotadas hoje em site de jornais impressos internacionais, a exemplo dos sites do *The Guardian* e do *New York Times*. A partir da segunda quinzena de dezembro de 2013, os portais brasileiros experimentaram a nova narrativa, como a *Folha de São Paulo* (www.folha.uol.com.br) e o *GI* (www.g1.globo.com). Através de infográficos, slide shows e vídeos, potencializa-se as possibilidades de interação com os usuários. Nesse novo formato, os trechos das entrevistas, por exemplo, já não precisam mais ser transcritos ou interpretados pelo repórter. Agora, podem ser postados em vídeo em reportagens escritas e não mais apenas nas televisivas, enriquecendo a narrativa.

A exploração de diferentes formatos de linguagem em um mesmo suporte permite o esclarecimento de fatos e/ou de sistemas de difícil entendimento por meio de infográficos e vídeos. A quebra da linearidade desperta interesse e envolvimento e permite ao usuário percorrer um caminho próprio de leitura dos acontecimentos. Porém, a premiada reportagem mostra que os experimentos multimídia exigem investimentos em trabalho de equipe interdisciplinar e integrada que pensa a forma a partir do conteúdo nas rotinas produtivas do jornalismo, envolvendo profissionais qualificados de diferentes áreas como engenharia da computação e designers gráficos. (BECKER, 2013, p. 7)

A verticalização da informação configura-se como forte tendência no jornalismo e provoca alterações não apenas nas formas de narrar, mas também nos processos produtivos e nas estruturas das redações, que caminham para a integração. Um exemplo é o jornal espanhol *El Mundo*, considerado vanguardista no campo do webjornalismo.

A tendência é essa. As integrações hoje são comuns. A Espanha é bem vanguarda nisso. O jornal *El Mundo*, por exemplo, tem na redação deles uma redação multiplataforma: tem o núcleo de jornal impresso, tem o núcleo de TV, tem o núcleo de rádio, e o de Internet, todas as mídias juntas, com suas equipes e com o fluxo pra cada uma. Então eu vejo que a tendência, ainda mais num grupo como o nosso, é essa. Não tem como você trabalhar separado. (ZANELA, 2006 apud NOVAES, 2007, p. 103).

⁷ As também chamadas narrativas interativas ou intermídias, compostas não apenas por texto, fotos e áudio (que caracterizam uma narrativa multimídia), mas também por vídeos e infográficos, construídas no sentido de potencializar a rolagem vertical no site onde estejam abrigadas. Como exemplo desse tipo de narrativa verticalizada, indicamos os links: <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/?forcedirect=yes#/?part=tunnel-creek>; <http://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded> e <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>

Porém, é importante ressaltar que a unificação de redações nem sempre indica integração das mesmas, uma vez que somente o compartilhamento de espaço físico não significa, necessariamente, o planejamento e/ou estratégias que unifiquem as plataformas em torno de uma mesma produção jornalística – um dos critérios para se ter um jornalismo convergente. Como bem dizem Salaverría e Negredo (2008), já citados anteriormente, é no impacto do modo de produção e na mudança do comportamento profissional que residem as características da convergência – as quais levam à verticalização da informação.

Apesar de ainda não adotar a narrativa verticalizada, o G1 Amapá tem manifestado preocupação em apropriar-se de outros recursos e/ou modelos favorecidos pelas inovações tecnológicas no campo da comunicação, como a transmidialidade – a qual estaria na relação entre as histórias, ligadas por um mesmo enredo, mas narradas e transmitidas por meios independentes.

O paradigma da convergência prevê a interação entre novas e antigas mídias. E essas inovações permitem a transmidialidade, como também o fazer redobrado dos profissionais. Ao mesmo tempo, provoca suas habilidades, criatividade e conhecimentos. A narrativa transmídia, por exemplo, enquanto fruto desse avanço tecnológico, permite que os autores da história decidam como usar cada mídia, considerando-se o que há de melhor e mais forte em cada uma. (MARTINS, 2012, p.113)

Com vistas a esse universo convergente, além de estabelecer uma parceria com a emissora TV Amapá, o portal G1 Amapá utiliza outra plataforma para ampliar sua divulgação de notícias: o Twitter. Através do endereço twitter.com/glap, o portal amapaense compartilha links que direcionam seus seguidores do Twitter a todas as notícias produzidas e atualizadas diariamente. Ao adotar um sistema de postagem automática, toda e qualquer publicação no site é compartilhada no Twitter. Com isso, explora-se o potencial de compartilhamento, isto é, o princípio de *espalhamento*, sistematizado como uma das características da NT e que pode ocorrer quando há recomendação e compartilhamento a partir de outras plataformas.

Além disso, seguindo o modelo do G1 nacional, o portal amapaense também explora a potencialidade desse princípio a partir de outro viés: a capacidade do público de participar ativamente na circulação de conteúdo de mídia através de redes sociais. Em cada notícia divulgada, o G1 Amapá oferece espaço para que o usuário compartilhe a notícia através das seguintes plataformas: Facebook (compartilhando ou recomendando), Orkut e Twitter. E disponibiliza, ainda,

ferramentas para comentários, envio das notícias para amigos através de e-mail e contato com a própria redação, seja para sugestões, queixas e críticas, dentre outros. Com isso, o G1 Amapá estimula uma participação mais ativa do público, explorando o princípio transmediático do espalhamento.

Apesar de ser uma plataforma importante por ser a única rede social usada logo na página principal do G1 Amapá⁸, uma vez que as demais só aparecem nas matérias internas, não há uma equipe de jornalistas exclusiva para explorar o Twitter do portal, nem mesmo para acompanhar a repercussão das suas notícias no Twitter, uma vez que o monitoramento é feita pela equipe de marketing do grupo. Com isso, ao deixar de fazer a verificação imediata do que o usuário vem discutindo no Twitter, o portal deixa de gerar novas pautas que poderiam ser produzidas a partir dessas discussões. E isso, atualmente, é considerado uma grande perda no campo jornalístico porque o público tem usado essa e outras plataformas para sugerir assuntos que vêm gerando pautas para as redações. Mesmo que o portal disponibilize a ferramenta VC no G1 Amapá, que também tem essa função, a participação do internauta neste canal não é tão ativa.

Segundo os repórteres Santiago, Barriga e Martins (2014)⁹, desde quando o portal local foi lançado no Amapá, dia 7 de junho de 2013, até o último dia de 2013, ou seja, durante quase sete meses, foram recebidas 104 colaborações de internautas, entre textos, fotos e vídeos. Segundo eles, quando a colaboração se trata de imagens, as possibilidades de utilização das mesmas pelo portal são maiores. Os vídeos enviados através desse canal, geralmente, são usados também pela emissora de televisão local, estreitando a parceria entre os veículos do grupo afiliado às Organizações Globo no Amapá e reforçando o conceito defendido por Kubota (2014, *idem*) de redação única – mesmo que não sejam integradas.

A participação e compartilhamento feito pelo público nos remete a outras duas características da NT: *senso de continuidade x multiplicidade*. No final de cada notícia, há uma seção com links para outras matérias sobre o mesmo tema, adotando-se, assim, o chamado senso de continuidade. Já a multiplicidade pode ser verificada nas versões alternativas das informações atribuídas ao público, que usam as redes sociais e outros meios para comentar, contestar, criticar e/ou acrescentar novas informações às notícias divulgadas

⁸ A logomarca do Twitter no portal fica ao lado das logomarcas dos seguintes serviços: Fale Conosco; VC no G1; Programação; CAT– Central de Atendimento ao Telespectador.

⁹ Informação prestada pelos repórteres Abinoan Santiago, Dyepeson Martins e John Clay Barriga à autora em 24 de março de 2014.

pela mídia, ou seja, pela perspectiva de Souza (2011), esta característica estaria associada às recontagens da história por meio de versões distintas das abordadas pela mídia *mainstream*.

Outras duas características da NT advindas da participação do público e que foram identificadas no G1 Amapá são: *subjetividade*, cujo foco em múltiplas subjetividades, segundo Jenkins (2009) está dando origem ao uso do Twitter como uma plataforma através da qual os fãs ou autores podem elaborar histórias sobre os personagens secundários e suas respostas a eventos representados no texto principal; e *performance*, princípio que compreende motivar a audiência (atratores culturais) para um determinado fim (ativadores culturais). Segundo Souza (2011), as ferramentas para recomendar, compartilhar e enviar por email podem ser consideradas como atratores culturais da performance. Já a participação do público na seção de comentários, onde opina, critica e elogia, pode ser vista como um ativador cultural para verificar, pelos menos, o interesse da audiência sobre determinado assunto. Tanto os atratores quanto os ativadores culturais valorizam a interatividade, estimulando a participação do usuário.

Em nossa pesquisa, observamos que a interação dos usuários se dá, ainda, por meio do canal VC no G1, pelo qual o internauta pode compartilhar conteúdo com o portal e pode, desde que autorize, ter seus créditos divulgados. No entanto, o usuário precisa se cadastrar, criar um login, aceitar os termos de uso e de participação da criação de conteúdo através do envio de fotos, vídeos e de textos sobre fatos de interesse público que tenha testemunhado. Deve adotar, ainda, as especificações de imagem definidas pelo portal e pode participar quantas vezes quiser, mas precisa informar, caso esteja enviando uma imagem, onde (estado e cidade) e quando (data) a mesma foi produzida. O conteúdo do usuário deve ser original, com direitos autorais e poderá ser usado na Globo e na internet. Em casos de vídeo, ficará publicado durante seis meses na web e, em caso de fotos e textos, ficam disponíveis na rede por tempo indeterminado. Se estiver enviando um texto, o usuário deve, ainda, fornecer detalhes sobre o conteúdo da sua colaboração, esclarecendo sobre “quem você está falando, o assunto que está abordando, onde isso está ocorrendo, o porquê e como”, ou seja, o portal orienta para que o conteúdo colaborativo tenha, no mínimo, elementos básicos do lead.

Além de funcionar como uma importante ferramenta colaborativa, o canal VC no G1 Amapá ajuda a fidelizar a audiência: “é quase uma extensão das redes sociais, que aproxima mais a gente e dá mais cara de jornalismo ao site. Além disso, qualquer material que possa envolver o internauta, é retorno garantido” (KUBOTA, 2014, *idem*) -

especialmente quando há promoções comemorativas, do tipo ‘envie a sua foto para a galeria do dia das crianças’, dentre outras.

O incentivo à participação do público nos remete, ainda, à outra característica da NT: *construção de mundo ou de universo*, uma vez que a iniciativa pode representar uma forma do público se envolver mais diretamente com os universos representados nas narrativas, tratando-os como espaços reais, cruzados com suas realidades vividas. Além disso, outra qualidade desse princípio, também percebido no G1 Amapá, é a contextualização da notícia. No portal, percebe-se que há contextualização, principalmente, quando a notícia tem grande repercussão, tendo suas informações aprofundadas.

Outra característica importante da NT observada no G1 Amapá é a chamada *imersão*. Segundo os parâmetros de Souza (2011), no jornalismo a imersão está relacionada a material dinâmico (com movimento), manipulável (que pode ser movimentado pelo público) e/ou com recursos de zoom (aproximação/distanciamento). Portanto, no ambiente virtual, a exibição de vídeos, por exemplo, (cuja natureza dinâmica por si só já garante o primeiro requisito) pode ocupar a tela parcial ou total, garantindo os recursos de zoom no programa como um todo, mas não em uma determinada imagem. (MARTINS, 2012).

Quanto à *serialidade*, em que partes da história podem ser consumidas em qualquer ordem, pode ser observada, a princípio, nas matérias especiais do portal, cujo tema, geralmente, gera uma galeria de fotos. Um exemplo foi a cobertura do aniversário de 256 de Macapá, cuja galeria foi composta por imagens de vários profissionais e também de internautas. É um recurso que utiliza a natureza não-linear da experiência de entretenimento transmídia. Como bem esclarece Jenkins (2009), com a serialidade, os pedaços de informação podem ser dispersos não apenas dentro do mesmo meio, mas sim em vários sistemas de mídia – no caso de Macapá, site G1 Amapá e TV Amapá fizeram uma série de matérias sobre a cidade antecipando as abordagens sobre seu aniversário. Na TV, os “pedaços” de informação preencheram vários programas, relacionando-se a parte com o todo e apresentando desdobramentos de um assunto de grande repercussão.

Apesar da limitação e ineficiência da banda larga no Amapá, o portal procura adotar ferramentas que possam dinamizar sua produção e difusão de informações, como as transmissões ao vivo iniciadas em janeiro deste ano a partir das matérias produzidas em função do aniversário de Macapá. O grupo montou uma estrutura mais complexa de

equipamentos para garantir a transmissão do sinal, porém depende da velocidade da internet para que o receptor tenha sinal com qualidade. Apesar disso, já repetiu a experiência da transmissão ao vivo e prepara-se para alcançar a meta de uma transmissão a cada semana. Tudo vai depender da garantia de recepção efetiva pelo receptor.

Considerações

Nesses tempos de convergências, é notório que, no campo do jornalismo, os modelos de negócios e a própria profissão estão em profunda transformação. Não se sabe exatamente quais os rumos que serão tomados, mas presume-se que a convergência será uma característica constante nessas transformações – a qual não ocorre meramente por meio de recursos tecnológicos, por mais sofisticados e complexos que venham a ser e por mais que reúnam antigas e novas mídias interagindo entre si, mas ocorrem, sobretudo, na cultura da convergência que vem sendo construída nas últimas décadas. Esta dimensão cultural da convergência manifesta-se no dia a dia dos indivíduos e em suas relações e interações sociais.

No caso do portal em análise, percebe-se uma forte preocupação em inserir-se no contexto da convergência, buscando apropriar-se dos conceitos de transmídia e desenvolver a cultura da convergência entre seus profissionais e usuários – mesmo esbarrando na limitação e ineficiência da banda larga no estado do Amapá. Mesmo que ainda timidamente, é possível perceber manifestações da narrativa transmídia no G1 Amapá, a exemplo dos princípios do espalhamento, senso de continuidade, multiplicidade, subjetividade, performance, construção de universo e serialidade que pudemos identificar no portal.

Por mais insipiente que seja, o fluxo de notícias entre portal e televisão do mesmo grupo seria um indicador da tentativa de apropriar-se do conceito de redação integrada definido por Salaverría e Negredo (2008), que visam a junção de duas ou mais unidades redacionais, um conceito que vem perseguindo a equipe do portal em suas rotinas e processos produtivos. Essa busca pela redação integrada e pela divulgação de conteúdo em multiplataformas (portal, TV e Twitter) indica a intencionalidade do portal em adotar a transmidialidade em suas narrativas e adentrar no jornalismo convergente, levando os seus profissionais à cultivar a cultura do compartilhamento, à experimentar novas ferramentas e novos recursos e à desenvolver

habilidades técnicas próprias de distintos meios, procurando inseri-los na cultura da convergência.

No contato com integrantes da equipe, foi possível observar, ainda, a intencionalidade em implementar também a chamada pauta unificada, a partir da sonhada redação integrada, e explorar mais o potencial colaborativo para a produção jornalística (cujas limitações estariam atreladas à falta de banda larga no estado), ampliando o envolvimento do internauta.

Portanto, em suas ações, o G1 Amapá demonstra iniciativas e anseios de inserir-se ao processo de convergência no campo jornalístico, o qual vem tornando as fronteiras entre os meios de comunicação cada vez mais imprecisas e vai além de uma mudança tecnológica: representa uma mudança no modo como nos relacionamos com as mídias e com os agentes que constroem esse campo na contemporaneidade, representando, assim, uma significativa mudança cultural. Desafios que não se restringem a um território que não usufrui da banda larga, dentre outros fatores, pela postura política de seus governantes e pelo isolamento e condições geográficas de sua localização na Amazônia brasileira, mas que vêm sendo observados em várias regiões, indicando que a busca pelas respostas para as inquietações impostas pelo jornalismo convergente ainda serão objetos de muitas futuras pesquisas.

Referências Bibliográficas

ALZAMORRA, Geane Carvalho; TÁRCIA, Lorena. A narrativa jornalística transmidiática: considerações sobre o prefixo trans. In. LONGHI, Raquel; Carlos d'ANDRÉA (org.). **Jornalismo Convergente** – reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012.

BECKER, Beatriz; BARREIRA, Ivone. Snow Fall: uma avalanche de criatividade e de desafios para o Ensino de Jornalismo. In: **Revista Contracampo**, v. 28, n. 3, ed. Dez, ano 2013. Niterói, 2013. Pag: 73-91.

FIRMINO, Fernando da Silva. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem no campo. Tese (doutorado). Salvador: UFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13011/1/Fernando%20FIRMINO%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2014.

GUARESCHI, Pedrinho; GALANTE, Claudia. Convergência midiática: uma nova forma de participação democrática. **Anais. XV ENABRAPSO**. Disponível em:

http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/369.%20converg%CAn%20cia%20midiatica.pdf. Acesso em: 02 fev. 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad.: Susana Alexandria. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. **Revenge of the Oragami Unicorn: Seven Core Concepts of Transmedia Storytelling**. In. **Confessions of an Aca**, 2009a. Disponível em: henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html. Acesso em: 29 ago. 2012

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. **Brazilian Journalism Research**, SBPJor, v. 8, n. 2, 2012, p. 97-117.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: cia das Letras, 1995.

_____. Em entrevista concedida ao programa Roda Viva, na TV Cultura, no ano de 2000.

NOVAES, Dulcinéia. **Perfil do jornalista na cibercultura**: desafios do webjornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens). Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

LONGHI, Raquel; Carlos d'ANDRÉA (org.). **Jornalismo Convergente** – reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado** – convergência de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Sol90media, 2008.

SOUZA, Mauricio Dias. **Jornalismo e Cultura da Convergência** – a narrativa transmídia na cobertura do caso *cablegate* nos sites El País e Guardian”. Dissertação de Mestrado. UFSM-RG, 2011.

ZANVETTOR, Katia. Um olho no novo, outro no papel. **Revista Imprensa** – Jornalismo e Comunicação, n. 281, Ago 2012. São Paulo, 2013, p. 26-32.